



O VILAVERDENSE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALÍVIO

AVENÇA

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

Não nos queixemos da cruz,
Da que temos e não temos,
Porque a nossa maior cruz,
A maior... somos nós mesmos.

Francisco Sérgio

Efectuaram-se com brilho e concorrência maior do que nunca as Festas da Senhora do Alívio

Primeiras Festividades

No segundo domingo deste mês, dia 11, houve, às 10 horas, Missa solene, a grande instrumental; de tarde, às 16 horas, foi o terço, o sermão pregado por um reverendo Capuchinho que muito entusiasmou os fiéis, a bênção eucarística e a soleníssima procissão em honra de Nossa Senhora do Alívio. Nela tomaram parte as cruzadas eucarísticas, os diversos ramos da Acção Católica e todas as associações e confrarias das igrejas mais próximas do Santuário do Alívio.

A majestosa fachada do templo fora profusamente



FACHADA DO SANTUÁRIO

te iluminado no sábado anterior, ao cair da noite, à hora em que muitas girândolas de fogo anunciaram a continuação das tradicionais romagens ao Santuário de Nossa Senhora do Alívio.

Segunda romaria

O domingo seguinte, 18, foi o dia máximo das festas do Alívio. Logo de madrugada, apesar do mau tempo chegavam os fiéis devotos da Senhora, vindos alguns de tão longe... Na missa das 8 horas o templo estava já repleto. A medida que o povo chegava ia o tempo melhorando. Houve depois a missa das 10 horas. Ao meio-dia, chegou a grande peregrinação de todas as freguesias do Concelho de Vila Verde dividida em dois: a das paróquias do norte partirá da igreja de Vila Verde, presidida por Monsenhor Mosquera; a do sul e poente sairá do Cruzeiro de Soutelo presidida pelo senhor cônego Domingos Peixoto, digno arcepreste de Vila Verde, e juiz da Mesa do Alívio.

Seguiu-se a missa campal celebrada pelo senhor arcepreste, que foi acolitado pelos reverendos José Joaquim Rodrigues da Silva e António Fernandes Gonçalves.

(Continua na 2.ª página)

O Senhor Arcipreste de Vila Verde

ENVIU AOS PÁROCOS DESTE ARCEPRESTADO A CIRCULAR SEGUINTE:

Aproxima-se a visita da Imagem Peregrina ao Arciprestado de Vila Verde. Para resolvermos quais as festividades a fazer, convoco uma reunião do Clero do Arciprestado para o dia 4 do próximo mês de Outubro, devendo fazer-se o retiro mensal às 10,30 horas e a Palestra às 13,30 horas desse dia e no local do costume. Permito-me lembrar aos Rev.dos Párcos a necessidade de disporem desde já os fiéis para essa visita, indo ao encontro da Veneranda Imagem, pelas estradas onde passa, acompanhando-a e aclamando-a e consagrando-se a Nossa Senhora nos lugares destinados a isso. Não devem faltar os Sacramentos da Penitência e Comunhão e, onde fôr possível, pregação da mensagem de Fátima.

O Arcipreste:
Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva

«Importa dar liberdade à Igreja, para Ela continuar a Sua Missão civilizadora».

Balzac

«Liberdade para tudo e para todos, menos para o mal e malfetores».

García Moreno

Festas do Concelho DE VILA VERDE

Desde o dia 9 a 16 de Outubro vai o Concelho de Vila Verde entrar em festas que vão agitar os sentimentos religiosos e baírrísticos do povo vilaverdense.

Vários factores se juntam bem dignos destas comemorações festivas. Visita-nos a Virgem Peregrina de Fátima; encerra-se na Sede do Concelho, o ciclo das Visitas Pastorais ao Arciprestado de Vila Verde. E ainda mais, os nossos Bombeiros Voluntários, tão prestimosos vão-se apresentar em público, no próximo dia 16 com o seu fardamento de gala, para benzer o seu novo Pronto-Socorro, a sua Mota-bomba e material moderno.

No dia 9 de Outubro, ao fim da tarde, Nossa Senhora será recebida por uma caravana automobilística, sendo transportada numa camionete ornamentada, organizada pelo povo da Portela do Vade, no extremo do Arciprestado de Ponte da Barca.

Será exposta a Imagem Peregrina na Igreja da Portela do Vade, onde haverá alocução da Mensagem de Fátima, terço, Consagração da Freguesia aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, fazendo um chefe de família a mesma Consagração das Famílias.

As vinte horas do dia 9, a Virgem Peregrina será entregue, também em romagem automobilística, do Povo da Portela do Vade, na Ponte da Subida, perto do Pico dos Regalados. Ai se organizará uma procissão de velas com o povo de todas as freguesias vizinhas do Pico dos Regalados.

Ao recolher da procissão haverá Hora Santa, com a pregação da Mensagem de Fátima.

De manhã do dia 10 terá lugar a Comunhão Geral, Missa Solene com a Consagração da Vila do Pico e freguesias vizinhas, aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, fazendo os chefes de família as mesmas Consagrações.

As treze horas, cortejo automobilístico organizado pela Vila do Pico dos Regalados, transportando N.ª Senhora em camionete ornamentada para a Vila de Prado.

Passa o Cortejo pelas freguesias de Mós, Gondães, Travassós (Revenda), Novegilde, S. Tiago de Carreiras, Portela da Penela, Goães, Rio Mau, Marrancos e Arcozel, Freiriz, Atiães, Moure e Lage.

Em cada freguesia não demorará mais de vinte minutos, fazendo-se na passagem da Estrada, a Consagração da Freguesia pelo Pároco aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, e a Consagração das Famílias por um chefe de família, com alocução breve sobre a Mensagem de Fátima.

Deverá a Virgem Peregrina chegar a Prado pelas vinte horas do dia dez de Outubro, com procissão de velas. Segue-se o programa, que será determinado, como na Vila do Pico.

Sairá Nossa Senhora, em Cortejo Automobilístico, organizado pela Vila de Prado, sendo Nossa Senhora transportada numa camionete ornamentada pela mesma Vila, às catorze horas do dia 11 de Outubro.

Passará em Soutelo, onde terá recepção, na Igreja Paroquial, durante meia hora, para as Consagrações; a seguir recepção no Seminário de Soutelo por meia hora.

As 20 horas, organiza-se, no Santuário de N.ª Senhora do Alívio, grandiosa procissão de velas com os povos das freguesias de Vila Verde, Loureira, Soutelo etc. para transportar Nossa Senhora a Vila Verde, onde ficará até ao dia 16 de Outubro.

FESTAS NA SEDE DO CONCELHO

No dia 10 de Outubro, às 20,30 horas, haverá reza do Terço; começarão os sermões da Mensagem de Fátima.

Dia 11 de Outubro, Missa e sermão às 6 horas da manhã. As vinte horas partirá do Santuário de Nossa Senhora do Alívio a grandiosa procissão de velas. A chegada a Vila Verde, haverá sermão da Mensagem de Fátima e Bênção do Santíssimo.

Dia 12, às seis horas, Missa e sermão; a seguir confissões; às 20,30 horas, reza do Terço, sermão e Bênção do Santíssimo. De tarde visitam N.ª Senhora as freguesias de S. Pedro de Escarís e Barbudo, processionalmente.

Dia 13, às 6 horas Missa e sermão. As quinze horas, recepção ao Senhor Bispo, para a Visita Pastoral, nos Paços do Concelho, com a assistência de todas as Entidades Oficiais. Procissão da Capela de Santo António para a Igreja Matriz, onde será administrado o Santo Crisma e terço lugar todos os outros actos da Visita Pastoral. As 20,30 horas, Adoração Sa-

(Continuação da 4.ª página)

Vigário Cooperador de Prado

O sr. P.e António Peixoto, aquele sacerdote risonho, trabalhador e popular, que toda a nossa freguesia amava e

(Continua na 2.ª página)

Congregação da S.ª do Alívio

No dia 4 do mês corrente, realizou a Congregação de Nossa Senhora do Alívio a festa de despedida do Director e fundador desta Obra, padre Roberto Sequeira, que em terras de Espanha, no próximo ano lectivo concluirá o seu curso.

Este ilustre Padre, verdadeira figura de Apóstolo da gente moça, natural da Ilha da Madeira e ali ordenado padre secular, quis encontrar a paz do seu nobre espírito a sombra dos claustros da Companhia de Jesus, dedicando-se especialmente, além dos múltiplos trabalhos da comunidade, ao arrebanhamento de rapazes para as fileiras da pureza e do amor à Santíssima Virgem.

A sua alma cheia de fogo Divino, aliada à vontade férrea de arranjar a linha do vício e trazer aos bons costumes os jovens abandonados à miséria moral, bem justificam o seu espírito apóstólico e a fequidade do seu trabalho.

A festa, que principiará no dia 3 com um acampamento em Prado, no qual tomará parte na sua quase totalidade de Congregados, Cantilões e Aspirantes, continuou no domingo, dia 4, com a Santa Missa celebrada na Capelinha de Santo Amaro. Durante o Santo Sacrifício, fez-se ouvir o Grupo Coral da Congregação, entoando cânticos a Deus e à Virgem.

Da parte de tarde, reali-



PARTE VELHA DO SANTUÁRIO DO ALÍVIO

zou-se no Campo «Sousa Lima» um desafio de Futebol entre as equipas A e B da Congregação, este, englobando, além da festa de despedida ao P.e Sequeira, a do Guardião Manuel Pe-

xoto, que, em Novembro, próximo, se ausentará para Terças do Brasil.

Terminado o encontro com a vitória da equipa A (Continua na 2.ª pag.)

Comemorações Henriquinas

Tencionava referir-me nestas «Notas» a assuntos ligados ao progresso de Vila Verde. Como, porém, as Comemorações Henriquinas se revestiram de um significado que nunca será de mais salientar, é sobre elas que escrevo hoje, ficando as impressões acerca de Vila Verde para outra oportunidade.

O Infante D. Henrique bem merece as expressivas homenagens à sua memória realizadas este ano. Fundador da escola de navegação de Sagres, onde foi sonhado e cientificamente planeado o domínio do mar; custeando do seu bolso estudos e caravelas, o terceiro filho de D. João I, que constitui, com os irmãos e no dizer de Camões, a «inclita geração de altos Infantes», é uma das figuras excepcionais da nossa História que decisivamente contribuiu para a glória da Pátria. Autor da expedição a Ceuta onde entrou em primeiro lugar após a rendição da fortaleza, lançou as bases da nossa expansão marítima que culminou com a aportagem das naus portuguesas às costas da Índia e do Brasil. O ilustre Presidente desta Nação irmã, alvo em Portugal de sinceras e entusiásticas manifestações de simpatia, provou, com a sua presença a continuação da solidariedade cimentada na religião, no sangue, na língua e na cultura, entre portugueses e brasileiros.

A epopeia nacional e as suas consequências são conhecidas de todos, os vários aspectos das comemorações Henriquinas também o são através da Im-

(Continua na 2.ª pag.)

Aniversário do Senhor Arcipreste

Completo, no dia 22, 81 anos de idade o Sr. Cônego Domingos Peixoto, pároco de Prado e arcepreste de Vila Verde.

Houve, de manhã, missa cantada na igreja paroquial, em acção de graças.

O Sr. Cônego foi muito felicitado pela maioria do povo, que devotadamente acorreu à missa e à sagrada comunhão, recebeu muitos cartões, telegramas e telefonemas e visitas de sinceros parabéns.

Que Nosso Senhor o conserve por muitos anos à frente da nossa terra!

O mundo de ontem e de hoje

Todos nós os que vimos do século passado e que observamos e meditamos temos, forçosamente, de reconhecer a imensa transformação que se operou no mundo desde que nos conhecemos. A filosofia, a arte e a literatura estão grandemente dominadas pelo chamado super-realismo, pois já ultrapassaram e muito, a barreira do som da própria realidade, da lógica e da razão. Os costumes néo-paganisaram-se, o equilíbrio entre as classes e os povos desfez-se e aquelas e estes mantêm-se num permanente «suspense» próprio das relações tribais.

A velha árvore da civilização que, depois de receber o exerto do cristianismo, tão maravilhosos frutos produziu, durante quase vinte séculos, está a encher-se de ladrões que lhe roubam a seiva, a enfraquecem e a farão voltar à sua condição primitiva de árvore bravia e estéril.

Comecemos, há dias, a ler o livro intitulado O MUNDO DE ONTEM, do escritor Stefan Zweig, de raça judaica, cujas numerosas obras parece que tiveram ou têm certa nomeada nos últimos anos. Esse autor, cujas ideias não conhecíamos até agora, suicidou-se, no período da última guerra, no Brasil, onde se tinha refugiado, fugido, sem dúvida à perseguição que aos da sua raça, era feita, naquele tempo. Embora só ainda tenhamos lido o princípio do livro acima indicado já estamos satisfeitos e ansiosos por devolvê-lo ao jovem amigo de Prado que no-lo emprestou. Na realidade, basta o que o escritor diz no terceiro capítulo sob a epigrafe «Eros Matutinus» para identificar a ética que o orienta, já que, ali, prega pouco mais ou menos o amor livre entre a juventude, o desrespeito dos cânones da modéstia e do pudor e encara finalmente o problema da sexualidade pelo lado puramente animal.

Há um ditado que diz: tal vida tal morte e agora compreendemos porque razão o homem se matou. O que é lamentável é que os seus escritos tenham ficado a envenenar os espíritos menos prevenidos representados, no caso em apreço, pela mocidade de agora, pois se o autor morreu desesperado à semelhança de certos insectos que sucumbem das ferroadas que dão; o veneno do ferrão ficou nas páginas dos seus livros a infectar os menos avisados que os lêem.

Não vamos deter-nos a analisar as afirmações daquele autor sobre as vantagens que apregou quanto à liberdade de relações entre os jovens dos dois sexos, sobre os seus ataques à moral cristã e com referência à moda que facultava às jovens a exibição dos seus encantos (?). Essa lenga-lenga já começou no paraíso terreal quando o diabo seduziu a primeira mulher e é uma cantiga tão revelha, portanto, que não vale a pena rebatê-la. Só vamos é mostrar aos incautos um pequeno quadro que mostra bem as consequências dessa vida moderna, dessa educação libérrima propagandeadas por este autor e outros corifeus do demónio que infestam o mundo e são ao fim e ao cabo os tais ladrões ou rebentos malignos daquela árvore a que nos referimos atrás. Vamos referir-nos a um telegrama vindo da capital dos Estados Unidos da América e publicado nos jornais de 17 deste mês de Setembro em que a Repartição de Investigação Americana pela pessoa do seu director afirma que naquele país e no ano passado houve cerca de um milhão e seiscentos mil crimes graves (três em cada minuto) um assassinato em cada hora, um atentado ao pudor em cada meia hora, um assalto em cada quatro minutos, um roubo em cada quarenta e seis segundos e um roubo de automóvel em cada dois minutos.

Declara o mesmo director que aumenta vertiginosamente o número de delinquentes juvenis e que uma grande percentagem das prisões feitas era de criminosos de menor idade.

As cantilenas do diabo à nossa mãe Eva perderam os nossos primeiros pais e levaram a humanidade a viver, até hoje, num vale de lágrimas, embora esse mal fosse a origem da vinda ao mundo do nosso Salvador, o que levou Santo Agostinho a dizer: Felix culpa!

Os modernos escritores, filósofos e artistas que se arvoram em iconoclastas e defensores do super-realismo e da super-libertinagem o que conseguem é encher o mundo de crimes e de desgraça, povoar cadeias e prostíbulos, fomentar ódios e desassossego, transformar, enfim o mundo numa sucursal do seu Grão-Mestre: Satanaz!

A. S. S.

Escutismo

(Continuação da 6.ª página)

nhcimentos escutistas e de servir como ensina o escutismo. Trabalhámos muito. Por isso ficámos satisfeitos. Recebemos muitos parabéns tanto do público como até da Ex.ma Mesa do Alívio, que em boa verdade não buscámos nem esperávamos. Trabalhámos tão somente por amor e fidelidade ao dever, que é o mesmo que dizer, por amor a Deus, Divino Chefe.

Despedida — Também nós não pudemos ficar insensíveis à perda dum elemento tão querido — o sr. P.e António. Fizemos a nossa despedida para novamente lhe mostrarmos quanto lhe queremos e como o vemos partis com saudade.

Não houve lágrimas, é certo, mas cantámos, rimos, folgámos, para assim afastarmos o pesadelo da mágoa que nos apertava.

O chefe secretário brindou, dizendo entre outras coisas: «Custa-nos, realmente, saber que neste encontro nos despedimos de alguém que com tanta ternura, boa vontade e sacrifício nos ajudou a ser o que somos». E mais disse: «patenteamos mais uma vez a nossa gratidão e mostramos o reconhecimento das vossas tão altas qualidades que foram capazes de nos guiar com os olhos sempre em frente deitando para traz todos os sacrifícios e contrariedades que possamos ter encontrado».

No fim, o nosso homenageado com palavras de consolação disse o que nos pedia e o que exigia continuemos a ser.

Boa caça, Sr. P.e António!!!

Dois bicos

«Os que são escuteiros agora devem resolver ser melhores, não apenas na arte da selva e em campismo, mas na sua fidelidade à Lei e no seu cumprimento.»

General Baden Powell

Comemorações Henriquinas

(Continuação da 1.ª pág.)

prensa, da Rádio e da Televisão: parece-me pois não ser necessário fazer-lhes referência neste Jornal, onde melhor cabem algumas considerações sobre a unidade da Nação portuguesa. Essa unidade, sempre mantida e cada vez mais forte, numa época em que violentas crises têm alterado os vínculos jurídicos entre outros países europeus e os seus territórios ultramarinos, é objecto da admiração de muitos, apesar de ter uma clara explicação.

O eminente sociólogo brasileiro prof. Gilberto Freyre, várias vezes tem divulgado essa explicação. Ainda há dias em Lisboa, no Congresso de História dos Descobrimentos proferiu uma conferência em que brilhantemente aludiu a alguns aspectos do problema. Noutra conferência lida no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, em 2 de Junho de 1940, intitulada: «Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira», o mesmo professor sintetizou admiravelmente a sua opinião sobre o assunto. Segundo ele — e bem o sabemos que assim é — o segredo da estabilidade dos nossos territórios está no espírito Cristão dos portugueses que os levou a confraternizarem largamente com os povos ultramarinos. Na verdade o português, devido a essa razão e ainda a traços temperamentos específicos, revelou um espírito de adaptação ao exótico, único na História. Em lugar de se preocuparem apenas com proveitos económicos, os nossos antepassados introduziram nos pontos onde se fixaram conceitos e usos próprios, mas também aproveitaram, adaptaram e divulgaram certos usos com que depararam.

Verificou-se assim uma colaboração mútua entre os colonizadores portugueses e os povos estranhos, estreitada por laços sanguíneos provenientes de cruzamentos estáveis, que se não verificam com outros povos europeus.

Verificou-se assim uma colaboração mútua entre os colonizadores portugueses e os povos estranhos, estreitada por laços sanguíneos provenientes de cruzamentos estáveis, que se não verificam com outros povos europeus.



Acresce estar provado — e sobre este aspecto do problema gostaria de me alargar se o espaço o permitisse — que nos cruzamentos do português em qualquer elemento estranho, prevalecem nitidamente as suas características psico-somísticas. Estes laços familiares gerados durante séculos; a não existência da mais leve preocupação racista; o espírito, enfim, de confraternização inspirada na Doutrina Cristã, deu origem — como não podia deixar de ser — à igualdade de todos os portugueses (qualquer que seja a sua cor) perante a Lei.

O que muito resumidamente fica exposto dispensa mais comentários sobre a unidade da Nação Portuguesa, que não é atacada pelos seus elementos — mas somente pelos renegados que, ao serviço do comunismo, tentam espalhar a desordem e aniquilar os valores morais em que assenta a Civilização Ocidental.

—Antes de vir descansar uns dias a Vila Verde (donde envio estas «Notas») estive na Caparica. De lá ia diariamente a Lisboa, e como em regra, utilizava os barcos da Trafaria a Belém, nuca passava junto do monumento evocativo do Infante e dos Descobrimentos sem pensar nestes problemas de tão alto interesse nacional. Acresce que, como se sabe, a Estação Fluvial de Belém está próxima do local donde em 8 de Julho de 1497 partiu para a Índia a armada de três naus — além de outra com mantimentos — comandada por Vasco da Gama.

Tudo isto me levou a escrever as presentes linhas sobre o Infante D. Henrique, sem o qual o rumo da História de Portugal e do Mundo por certo não seria o que foi.

M. da Cunha

Vigário Cooperador de Prado

(Continuação da 1.ª pág.)

respeitava e que todo o clero deste arcebisado admirava, não sei se com tristeza ou alegria o direi, deixou-nos!

Com tristeza, sim! Era ver o povo, homens e mulheres, mas sobretudo as criancinhas que ele tanto amava, a chorar, a chorar... uma vez que já nada se podia fazer para que não deixasse Prado e a hora da partida se aproximava.

Com alegria, também! O sr. P.e António subiu para uma vida mais perfeita. Não fugiu ao trabalho, nem a ninguém! Apenas respondeu «sim!» à voz de Deus que já desde seminarista o chamava à vida religiosa.

A propósito quero deixar aqui o que me disse um nosso amigo e conterrâneo: «consolemo-nos! É Deus que o chama! Quem sabe se daqui por alguns anos os nossos filhos terão o prazer de terem no catálogo dos bemaventurados o nome desta que hoje nos deixa! Melhor: ele já é um santo! Mas porque é santo é que nos deixa...» E engolia soluços, ao falar assim, este nosso amigo.

Mas eu deveria começar por rogar perdão ao Sr. P.e António para a falta que estou a cometer. Prometi-lhe, em tempos, que nunca lhe escreveria o nome no jornal já que essa era a sua vontade. E o leitor sabe que nunca «O Vila Verdense» trouxe este nome que hoje nos traz lágrimas aos olhos.

Mas agora...

Não digo mais... não sou capaz... nem quero desobedecer-lhe.

Deus o santifique e a nós também.

Família de Nunálvares

(Continuação da 6.ª página)

no Arciprestado de Braga, e cuja D. Leonor de Alvim possuía a Torre e Solar dos Touvedos, no mesmo Arcebisado».

Quem foram então os sogros de Nunálvares? Foram D. Isabel de Barros e Fernão Aires de Sousa, como parece ensinar Correia de Azevedo, ou foram D. Branca Pires Coelho e João Pires de Alvim, como ensina Gomes Ramos.

Se foram os primeiros, donde vem o genitivo «de Alvim» à incontável mulher do grão de Condestável? Virá de Alvares ou Alves, cognome de D. Nuno? Mas como, se como ensina o mesmo Correia de Azevedo, na pg. 27 da citada obra, o apelido Alvim é muito anterior ao santo condestável e sua mulher (que não só esposa) a condessa D. Leonor?

Se é, porém, como afirma Gomes Ramos, onde está a força do único argumento apresentado por Correia de Azevedo, em prol da sepultura vila verdense dos pais de Leonor de Alvim?

A propósito: Como se defendem os que afirmam estar a própria D. Leonor Alvim sepultada em Vila Verde?

Amo a história, sobretudo a história pátria, mas confesso ser quase uma nulidade nesta ciência. E porque não sei, mas gosto de saber, muito desejo ver resolvido, tanto quanto possível, este problema (que bem fácil poderá ser) agora ao comemorarmos o 6.º aniversário do nascimento do Beato Nuno e neste jornal, único do Concelho onde se afirma estar sepultada a sogra de Nunálvares e, possivelmente, a própria mulher D. Leonor Alvim. Como vêm, até nisto a sogra é o osso mais difícil de roer...

Temos, em Vila Verde, grandes talentos, graças a Deus. Resolvam-me esta dificuldade, por favor, ou então por amor à nossa terra!

Congregação da Senhora do Alívio

(Continuação da 1.ª pág.)

pela margem de 4-2, seguiu-se em casa do ex-Presidente da congregação, um copo de água.

Aos brindes falou um congregateiro, em nome de todos os presentes, homenageou o Padre Sequeira, todos os seus colaboradores, a Companhia de Jesus, o Seminário da Torre e seu reitor e o Manuel Peixoto, membro que em breve deixará a Congregação.

Referindo-se aos dois dis-

São duas figuras que partem, duas Estrelas de considerável grandeza que deixam de irradiar o seu brilho sobre a nossa Congregação: O padre Sequeira e o Manuel Peixoto. A figura dos seus melhores discípulos.

Quero dirigir duas palavras ao Peixoto, a este sempre exemplaríssimo congregateiro; esta festa é também tua, Peixoto; e nada fizemos

que tu não mereças, porque foste bom congregateiro, bom dirigente, bom colega e bom amigo de todos. Partiremos contigo em espírito para as Terras áureas de Santa Cruz, no empenho de que a tua nova vida que vai principiar, imada te afaste da Congregação e seus princípios, e, má certeza de que a Felicidade será tua, bem como mereces.

Seguidamente, falou o Padre Sequeira, que comovido, agradeceu aos rapazes a maneira como sempre se comportaram. Encorajou-os a trabalhar sempre com o mesmo afinco, sem se esquecerem nunca de que os olhos da Virgem neles estavam postos.

Finalmente, agradeceu aos donos da casa que, como dizia, sempre pronta esteve para a causa da sua Congregação.

M. Adressilva

Festas da Senhora do Alívio

(Continuação da 1.ª pág.)

No momento próprio o rev. dr. Francisco da Mota Mourisca fez uma arrebatadora alocução aos peregrinos, tendo o povo participado nos cânticos e dialogação da missa.

Seguiu-se o tempo do descanso que osromeiros aproveitaram para cumprimento das suas promessas.

As 15 horas, começou, dentro do Santuário, a Adoração do Santíssimo Sacramento, com terço e pregação. Em seguida foi a majestosa procissão eucarística, no fim da qual o venerando arcepreste de Vila Verde deu a bênção do SS.mo. Saiu depois, a imagem da Senhora do Alívio para fora do Santuário e teve então lugar a sempre impressionante apoteose a Nossa Senhora. Milhares de lenços brancos acenavam, vivas e palmas se ouviam e lágrimas de comção corriam pelas faces.

Foi o adeus à Senhora do Alívio. Devo dizer para terminar, que esta grande peregrinação foi precedida de novena, às 20 horas, no Santuário, e nas freguesias do Arciprestado, às horas que os Reverendíssimos Párcos julgaram mais convenientes.

A concorrência do povo às festividades do Alívio cresce de ano para ano.

Cada vez se nota mais ordem, mais devoção, mais progresso.

Este ano, assinalámos a presença de um bom número de Escuteiros de Prado, que muito serviram no Alívio e muito abrilhantaram as solenidades da última romagem. Estão de parabéns!

Igualmente de parabéns está a digna Mesa do Alívio já que as festas, este ano, tiveram grandeza e concorrência maiores do que nunca.

ASSINAR E LER «O VILAVERDENSE» E' CONCORRER PARA A FORMAÇÃO DE UM MUNDO MELHOR.

Pico de Regalados

Passeio agrário—Um numeroso grupo de lavradores das freguesias de S. Cristóvão, Vilarinho, Atães, Barros e Sande, acompanhado pelos respectivos párocos, deslocou-se, no dia 9 do corrente, à Quinta do sr. Eng.º Daniel Barbosa, em Palmeira, e ao Posto Agrário de Braga, em Lamações, para verificar o aumento de produção em milho híbrido, nas terras tratadas com adubos químicos, segundo as marcações de ilustres Engenheiros Agrónomos que trabalham com brio para engrandecer a lavoura que nos tempos actuais vai abandonando os processos antigos e vai empregando os novos para conseguir aquele rendimento de que tanto precisa para se poder defender.

Este passeio dos lavradores das freguesias acima mencionadas foi oferecido pelo sr. Eng.º Nuno Teixeira de Barbosa Mendonça Pinto e São Miguel, distinto Delegado Agrónomo da Companhia da União Fabril, que pôs à disposição dos mesmos um dos melhores carros da Viação Auto-Motora de Braga com o fim de proporcionar a todos uma bela lição prática sobre o emprego dos adubos segundo as exigências das terras respectivas.

Nas freguesias mencionadas e em toda esta região já se gastam muitas toneladas de adubos, mas muitas vezes os nossos lavradores não os aplicam de harmonia com as necessidades dos seus campos e assim gastam o seu dinheiro e não tiram aquele rendimento que era para desejar e que tanto poderia contribuir para uma lavoura mais valorizada e mais desafogada e com o dinheiro necessário para atender a todas as despesas com que está sobrecarregada.

O sr. Eng.º Nuno de Mendonça expôs uma bela lição sobre o assunto e os lavradores vieram satisfeitos com aquilo que ouviram e estão resolvidos a pôr em prática a lição magistralmente exposta na Quinta do sr. Eng.º Daniel Barbosa, pois, fazendo as contas com as respectivas provas, chegou-se à conclusão de que o campo da respectiva quinta onde empregaram os adubos segundo as indicações do ilustre Delegado da C.U.F. deve dar várias centenas de escudos a mais do que daria se não fosse tratado dessa maneira. Assim a Companhia da União Fabril não perdeu nada com a despesa que fez com os nossos estimados lavradores, pois eles vão empregar milhares de escudos em adubos, mas verão o resultado, pois no próximo ano os seus campos, com a bênção de Deus, recompensarão todas as despesas. Quanto mais rica for a lavoura, mais adubos se empregarão e portanto mais movimento haverá na referida Companhia, a quem damos os nossos parabéns pela acertada escolha que fez, nomeando o sr. Eng.º Agrónomo, Nuno de Mendonça, seu Delegado na região de Braga, pois ele tem trabalhado intensamente na propaganda do tratamento das terras com os necessários adubos químicos.

Os nossos agradecimentos ao sr. Eng.º pelas amabilidades que nos tem dispensado.

Depois da lição prática em Palmeira a mencionada camionete conduziu todos os lavradores ao Posto Agrário, em Lamações, onde os técnicos que estavam em serviço mostraram os milhos híbridos, forragens e novas variedades de feijões e expuseram lições práticas sobre o emprego de boas sementes e o modo como se devem empregar os adubos mais aconselháveis para obter boas produções. Agradecemos a amabilidade com que todos receberam os lavradores, não esquecendo o Director do Posto Agrário, sr. Eng.º Vasconcelos, que, em amena conversa, salientou a necessidade de modificarem os métodos de cultura da terra com o fim de obterem produções mais elevadas para melhorarem as suas condições de vida.

Depois destas lições práticas o dia ia para o seu fim e por isso todos se retiraram para as suas terras contentes por verificarem que se podem valorizar e que a lavoura já não é aquela classe tão desprezada porque vão aparecendo pessoas de valor para a defender.

A mesma camionete trouxe todas as pessoas às respectivas freguesias e no fim todos agradeceram ao sr. Eng.º Nuno de Mendonça as lições que tinham ouvido e ele de todos se despediu com sorriso nos lábios, sorriso esse que é próprio da sua ilustre pessoa.

DE SANDE

Realiza-se neste domingo a festa em honra do Santíssimo Sacramento e de Santo António, sendo abrilhantada pelo potente alti-falante de Vilarinho e por uma banda de música do nosso concelho de Vila Verde.

Na sexta-feira anterior realizou-se o confesso e ofício pelas almas dos irmãos da Confraria do Senhor.

— No dia 2 de Outubro realiza-se a festa da Senhora do Rosário, cujas despesas são custeadas pelo nosso bom amigo, Adriano Martins, que veio acerca de dois anos do Rio de Janeiro, e, que pretende realizar esta festa para honra de Nossa Senhora que durante 30 anos o abençoou e o guiou até à sua terra.

Parabéns ao bom filho de Sande e sua família.

DE VILARINHO

O sr. Presidente da Junta desta freguesia, Marcelino Vilela, e várias pessoas nos pediram que por meio do «Vilaverdense» dêssemos conhecimento às respectivas autoridades acerca da vontade dos habitantes da terra quanto à iluminação pública com que se pretende iluminar esta pequena povoação que Deus dotou com tantas belezas e encantos.

E que consta que se vão colocar seis lâmpadas apenas junto da capela de Santa Luzia, mas isso é contra a vontade de quase todos os filhos de Vilarinho, pois todos concordam que se ilumine o caminho por onde todos os anos passa a veneranda imagem do Senhor dos Passos e portanto a primeira lâmpada ficaria bem junto da igreja paroquial, que é o edifício principal desta pequena aldeia, que é a casa do Senhor e a casa onde todos os filhos da terra se juntam aos domingos e outros dias para prestarem a homenagem de louvor e adoração àquele que os criou, conserva e lhes dá as graças necessárias para salvarem a alma.

Estamos convencidos de que o sr. Vereador que faz parte da Câmara também não pensará doutro modo e que vai empregar os melhores esforços para ser agradável aos seus conterrâneos. Uma segunda lâmpada ficaria bem perto da Capela do Horto que é um conjunto de belezas naturais e que ficariam aumentadas com este melhoramento. Outra ficaria bem junto da capela do Senhor do Encontro que é um local onde passa gente de Gomide, Sande, Atães, Barros

Pastelaria Bar Vila-Verdense

Indo a Vila Verde, não deixe de visitar a **PASTELARIA BAR VILAVERDENSE**, já famosa pelos seus pasteis, doce esmeradamente fabricado, pelos seus especiais vinhos engarrados, café, chá, lanches e pequenos almoços.

São muito admirados os seus serviços de BAPTIZADOS, CASAMENTOS, FESTAS DE HOMENAGENS, etc., para o que tem salas bem preparadas e recintos ao ar livre. Também serve este trabalho, de pastelaria nas casas dos particulares. NA PASCOA, OS MORDOMOS têm nesta Casa os melhores sortidos com Pão de ló etc.. NO NATAL, procure o Bolo-Rei desta Pastelaria, que não tem rival.

Os doces desta pastelaria são confeccionados com todo o cuidado; são leves, ficam mais baratos do que os das romarias e não são nocivos à saúde.

Boa Imprensa

Em vão construireis igrejas, prepareis missões, fundareis escolas; todas as vossas obras, todos os vossos esforços serão destruídos se não souberdes manejar ao mesmo tempo a arma defensiva e ofensiva da Imprensa católica. — PIO X.

Se nós abandonarmos esta forma moderna de influência e apostolado (a imprensa) de mais vasta actuação que a nossa pregação nas igrejas, assistiremos ao avanço cada vez maior da indiferença e da laicização pública. — CARDEAL CEREJEIRA.

A imprensa e a rádio católicas levam ao grande público o eco dos ensinamentos e das actividades da Igreja; tornam assim presente a Igreja no meio dos acontecimentos e dos problemas de cada hora. O público católico, então, não a pode de modo algum dispensar, como meio insubstituível da Igreja. E' hoje instrumento necessário de formação católica.

D. ERNESTO SENA DE OLIVEIRA,
(Arcebispo-Bispo de Coimbra)

Portela do Vade

No dia 11 do corrente, realizou-se nesta freguesia a festa do Senhor, para agradecer os benefícios concedidos durante as grandes obras, que transformaram completamente a igreja paroquial desta terra. Como foi largamente noticiado no mês de Março, o pároco conseguiu grandes melhoramentos, adquirindo um passal e sacrificando-se para o aumentar e ultimamente mandou ampliar a igreja, ficando uma das melhores desta região e com espaço suficiente para abrigar todos os filhos da Portela, que concorreram generosamente para as obras.

Realizou-se no sábado anterior o confesso como preparação e muitas pessoas aproveitaram a oportunidade para receber a graça da absolvição sacramental.

No domingo de manhã, houve a comunhão geral e às 11,30 foi cantada a missa solene de acção de graças.

Da parte de tarde realizou-se uma solene adoração pregada, saindo depois a procissão eucarística através das ruas principais desta povoação, concluindo-se tudo com a bênção do Senhor.

Ao almoço o rev. P.e Francisco da Silva Cardoso, estimado pároco de Atães e Vilarinho apresentou ao sr. P.e Abel Morais uma agradável surpresa que muito o sensibilizou e contentou. Essa surpresa consiste numa graça especial com que Sua Santidade o Papa João XXIII se quis associar às homenagens prestadas ao sr. P.e Abel Marais pelos seus 25 anos de trabalho contínuo, nesta freguesia. Assim o Chefe Supremo da Cristandade esteve também presente nesta festa de acção de graças ao Senhor.

Parabéns ao sr. P.e Francisco Cardoso pela boa lembrança e as nossas felicitações ao sr. P.e Abel Morais que se sentiu feliz por esta prova de estima do pároco de Atães e pela graça concedida pelo Santo Padre.

Visita Pastoral—No dia 14 do corrente foi esta igreja visitada por Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar de Braga que se retirou bem impressionado pelo modo como decorreram todos os actos da festa, pois todo o povo da freguesia estava presente, os caminhos bem preparados, a igreja nova e bem asseada, os altares bem ornamentados com flores e toalhas apropriadas.

Parabéns ao povo da Portela e ao seu pároco que é um chefe prudente e um guia seguro a conduzir este pequeno rebanho ao seu verdadeiro destino. — (C).

etc.. Uma quarta perto de Santa Luzia e as outras perto da mesma capela.

E se pudessem ainda conseguir uma para o largo do lugar de Real que é o maior lugar da freguesia e aquele em que na visita pascal o povo se junta para prestar homenagem à imagem do Senhor ressuscitado que passa em missão de bênçãos do Céu, estamos certos de que os habitantes deste lugar ficarão satisfeitos com as autoridades competentes.

Entregamos este assunto à competência do sr. Adérito Barreto, estimado Vice-Presidente da Câmara e Presidente dos Serviços Municipalizados e estamos certos de que este melhoramento será realizado de harmonia com as aspirações do povo de Vilarinho.

Contamos também com o sr. Dr. António Santos Ferreira, ilustre Presidente da Câmara, e desde já nos convençamos de que tudo vai correr bem, pois é já velha a nossa amizade e a nossa estima pelo filho de Pico de Regalados.

Esperamos também que o sr. Ernesto Alves Ferreira, Vereador da Câmara e filho de Vilarinho, há-de concordar com o que fica exposto, pois ele mostrou a estima que tem pela Junta de Freguesia, num caso que se deu perto desta terra, e portanto agora vai manifestar também a consideração pela Junta da Freguesia e do povo da sua terra. — (C).

Valdreu

BAPTISMOS — Em 21 de Agosto baptizou-se um menino filho dos srs. S. Cândido Rodrigues de Sousa e sua esposa Maria Fernandes de Barros que viveu no lugar do Casal; a criança recebeu o nome de Manuel e teve como padrinhos Amadeu de Jesus de Sousa e Laurinda Rodrigues de Sousa, tios paternos do baptizado.

No mesmo dia baptizou-se uma filhinha do sr. João Ferreira Basto e sua esposa Maria Cândida Dias Tomada que moram em Gavieira; recebeu o nome de Mercedes e foram padrinhos José Maria de Araújo e Mercedes dos Anjos Dias.

Em 2 de Setembro, e com o nome de Maria Carmelinda, foi baptizada uma menina, filha de Joaquim Martins e Matilde Eiras da Silva. Teve como padrinhos António Fonseca que mora na Guarda, e a tia materna Maria Carmelinda Eiras da Silva, de S. Pedro de Valbom.

Em 4 de Setembro, recebeu o baptismo, uma menina filha do sr. António Isaias de Araújo e Almerinda Pereira de Araújo, que moram em Seminha. A menina chamou-se Armanda e padrinharam os srs. Artur Joaquim de Araújo e Virgínia da Conceição Soares de Sousa. — C.

Campeonato Regional da II Divisão

Realizou-se no passado dia 8 do corrente o sorteio dos jogos correspondentes ao Campeonato Regional da II Divisão — que terá o seu início no dia 4 do próximo mês de Dezembro — do qual resultou o seguinte calendário:

CLUBES PARTICIPANTES — C. C. das Taipas. C. F. de Fão, C. O. de Campelos, F. C. de Vizela, F. C. de Amarej, G. D. de Prado, Leões F. C. e S. C. Maria da Fonte

1.º Domingo — C. F. Fão-Leões F. C., Taipas-Prado, Campelos-Amarej e Maria da Fonte-Vizela.

2.º Domingo — Leões-Taipas, Vizela-Fão, Prado-Campelos e Amarej-M. da Fonte.

3.º Domingo — Campelos-Leões, Taipas-Fão, M. Fonte-Prado, e Vizela-Amarej.

4.º Domingo — Leões-M. Fonte, Fão-Campelos, Taipas-Vizela e Prado-Amarej.

5.º Domingo — Amarej-Leões, M. Fonte-Fão, Campelos-Taipas e Vizela-Prado.

6.º Domingo — Leões-Prado, Fão-Amarej, Taipas-M. Fonte e Campelos-Vizela.

7.º Domingo — Vizela-Leões Prado-Fão, Amarej-L-Taipas e M. Fonte-Campelos.

S.ta Marinha de Oriz

DE VISITA Com demora de alguns dias, encontrá-se a repousar na casa de sua mãe, no lugar do Paço, a sr.a Almerinda Pimentel Pereira, acompanhada de seu marido e filha.

NA PRAIA — Há dias que se encontram na Póvoa de Varzim, a fazer a habitual cura de ares marítimas a sr.a Leopoldina de Sousa Melo e sua filha Almerinda, do lugar da Tomada. — C.

S. Miguel de Oriz

BAPTISMO — Com o nome de Manuel Joaquim foi hoje baptizado na nossa igreja o 1.º filho de Joaquim da Silva e Palmira Soares Leitão, do lugar de Boi-Morto. Foram padrinhos do recém baptizado Manuel António Machado de Melo e Adozinda da Silva, da casa da Gramosa.

DE VISITA — Em visita aos seus e para repouso de alguns dias, encontrá-se entre nós os nossos conterrâneos Benjamim Gonçalves Paredes e esposa, Artur de Araújo e esposa e António de Abreu.

OBRAS DA IGREJA — Dentro de dias será colocado no baptistério da igreja o painel de azulejo, representando o Baptismo de Cristo, há meses encomendado e só agora entregue.

E' o fecho desta fase das obras na igreja. Para as mesmas concorreram ainda com seus donativos os srs.: Manuel de Barros, 250\$00; Benjamim G. Paredes, 100\$; José da Costa, 100\$00; António de Abreu, 90\$00; Domingos da Costa, 50\$00 e Maria de Lurdes de Castro Fernandes, 50\$00. Que Deus os ajude no seu labutar por longe da terra natal.

Dos presentes concorreu sr. José Maria Mendes, com mais 70\$00. — C.

Amor eterno

Enquanto o caixão com o defunto marido transpunha os humais da casa, a viúva, mostrando a sua menesca dor, soltava gritos, gritos lancinantes que cortavam o coração dos presentes. Um destes, que fora amigo íntimo do finado, conseguiu afastá-la um pouco e, condoído da amargura que a pobre mulher manifestava aventurou-se, levado pela seu bom coração, a dizer-lhe: Não chore mais, que eu se a senhora quiser, eu consigo.

— Não posso aceitar, sua oferta, meu amigo, disse a triste viúva a um fundo próprio. — E porque não?

Quer então ficar entregue a uma desoladora solidão? — Não é por isso — tornou a santa mulher. — E' porque já estou comprometida com outro.

Oleiros

Regressaram do Brasil, onde já viviam há cerca de 10 anos o sr. Manuel Domingues de Sousa com seu filho Joaquim da Costa Domingues e o sr. Daniel Severo da Silva. Fazemos votos pelas suas felicidades e que sejam bem-vindos à sua terra e ao convívio dos seus.

— Foi baptizado um filho de Joaquim de Campos Vieira e Maria da Saúde Alves. A inocente criança recebeu o nome de Jacinto e teve por padrinhos, José de Sousa Alves e Isaura de Sousa Alves.

— Esteve em Braga, numa casa de saúde daquela cidade a sm. Albertina Carochias Pereira. A doente que ali fora operada, já se encontra em sua casa em convalescença.

Depois de uns dias de chuvia voltou o sol radioso, que os lavradores têm aproveitado para as suas vidimas. — C.

Vila Verde

VISITA PASTORAL À SEDE DO CONCELHO DE VILA VERDE

Foi definitivamente determinado que a Visita Pastoral à Sede do Concelho de Vila Verde, conclusão das Visitas ao Arciprestado de Vila Verde, seja no dia catorze de Outubro — sexta-feira.

As quinze horas Sua Ex.cia Reverendíssima recebe os cumprimentos nos Paços do Concelho das Entidades Officiais Concelhias, do Clero do Arciprestado e do Povo.

Depois paramenta-se na Capela de Santo António, seguindo-se o Cortejo para a Igreja Matriz.

Espera-se a comparência do povo e de todas as organizações Concelhias em frente aos Paços do Concelho.

UMA NOTICIA DO NOSSO JORNAL E O HOSPITAL DE VILA VERDE

Veio, no nosso jornal, uma notícia de um Correspondente local, que, pela sua redacção, deu motivo a que se supusesse querer atingir o cuidado com que os doentes são tratados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, especialmente pelo seu Corpo Clínico.

O caso em concreto, é referente a um doente que foi tratado conforme mandam os preceitos médicos, devido a estar com o apêndice gravemente infectada, com todos os meios para atacar a crise e não ser nela operado, porque constituia perigo para a sua vida. Era um pobre, pelo menos assim se apresentou no Hospital de Vila Verde, e foram-lhe aplicados os medicamentos apropriados, no qual o Hospital gastou avultada quantia de dinheiro. Foi dito ao doente que, após o desaparecimento da sua crise, deveria ser operado. Como achou, no seu juízo pessoal, que a demora, era por não o quererem operar, pediu para ir a casa e depois voltaria para ser operado.

Foi operado em noutro Hospital e aí, já não se apresentou como pobre. Teve dois milhares de escudos para pagar.

Basta só dizer que isto constitui ingratidão e falta de reconhecimento de tantos que no Hospital da sua Misericórdia nada querem pagar, nem os mínimos escudos das diárias, mas indo para outros Hospitais, podem pagar milhares de escudos.

Quanto às operações feitas, no Hospital de Vila Verde, pelo seu Corpo Clínico, são milhares com absoluto êxito, e muito mais difíceis. E quantos vindos doutros Hospitais e doutros Concelhos vêm aqui operar-se e com êxito.

Queremos vincar que o nosso Correspondente é pessoa amiga do Hospital da Misericórdia de Vila Verde e que apenas quis vincar, na sua notícia, o facto do doente ter recuperado a saúde e mais nada do que se entendeu.

Pode estar certa a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, o seu ilustre Corpo Clínico e o seu pessoal de que o nosso «jornal e os seus Correspondentes» têm a maior admiração e respeito pelos seus trabalhos em prol dos infelizes doentes que lhes batem à porta.

A Capela de N.ª Senhora da Pena

(NOTAS)

Há tempos escrevi um apontamento a respeito da devoção a N.ª Senhora das Areias, tributada pelos habitantes das três freguesias de Freiriz e das duas Carreiras, — S. Miguel e S. Tiago. Lá iam todos os anos, no primeiro sábado do mês de Agosto, com seus clamores. Devido à grande distância que mediava entre as ditas paróquias e a Ermida da Senhora das Areias, no Caio Novo, em Darque — Viana do Castelo e por causa doutros inconvenientes, foi proibida essa romagem pelo Arcebispo, D. Rodrigo de Moura Teles, em 1706, «e foy commutada pelo mesmo Snor para dia de N.ª Sra da Assumpção, da Capela de N.ª Sra da Pena a esta igreja (S. Miguel) por lhe constar hera esta devoção como voto antigo». Esta Capela da Senhora da Pena foi notável centro de devoção mariana, muito anterior aos Santuários da Senhora do Bom Despacho, em Cervães, e da Senhora do Alívio, em Soutelo. O facto verifiquei-o pela leitura dos Costumeiros das ditas freguesias que oportunamente me passaram pelas mãos. O de S. Miguel é um documento importante do arquivo parochial e está bem conservado.

Foi redigido pelo abade — Dr. Manuel Pinheiro Ramos, em 1716.

Do mesmo consta quais os legados que lhe estavam vinculados e as obrigações a cumprir.

A respeito desta Capela encontrei uma referência que transcrevo: — «Antonio Valladares, abade de Rio Mau, falecido em 1669, instituiu um vínculo pelo seu testamento feito a 4 de Fevereiro de 1667, na Capela de N.ª Senhora da Pena, na freguesia de S. Miguel de Carreiras, junto à Torre de Penagate, onde está sepultado em túmulo alto e sumptuoso seu irmão o Dr. Miguel de Valladares, Cônego Magistral de Guimarães e Desembargador de Braga. Houve obrigação de missa quotidiana, e três sermões com responsos pelos seus sucessores. Foi seu administrador — João de Azevedo de Faria, com casas na Rua de Santa Maria, Guimarães». Portanto pertencia a esta cidade a nobre Família dos Valladares. S.

«Não tenhas medo à verdade, ainda que a verdade te acarrete a morte».

Escrivã

«Meu Deus, permiti que seja para Vós o último pulsar do meu coração».

António Sardinha

Festas do Concelho

(Continuação da 1.ª pag.)

lene, Reza do Terço, Sermão, invocações de Fátima.

Dia 14, às 6 horas Missa e sermão. De tarde visitam N.ª Senhora as freguesias de Geme, Sabariz, Lanhas e Coucieiro, processionalmente. As 20,30 horas, reza do Terço, sermão e Bênção do Santíssimo.

Dia 15, às 6 horas, Missa e sermão. De tarde, visitam N.ª Senhora as freguesias da Loureira, Soutelo e Turiz, processionalmente. As 20,30 horas, reza do Terço, Sermão e Bênção do Santíssimo.

TODO O CONCELHO EM FESTA

A noite no dia 15, às 20 horas todo o Concelho iluminará os edifícios públicos, os altos das torres, as Igrejas, as capelinhas, as casas e altos montes, fazendo-se nas Igrejas Paroquiais, nesse dia, à hora mais conveniente, a Consagração da freguesia e da família aos Corações de Jesus e de Maria, sendo o das famílias feita por um chefe de família.

DIA 16 DE OUTUBRO

Será o grande dia. Todas as freguesias do Concelho enviarão as suas representações à Sede, com as suas Associações, Confrarias, Cruzadas, Apostolado de Oração, Filhas de Maria, com os seus estandartes. As dez horas organiza-se uma procissão na Igreja Matriz, para transportar a imagem da Virgem Peregrina para o altar armado em frente aos Paços do Concelho. A procissão irá pela Feira Nascente, entra na Avenida entre o Cruzeiro da Independência e dos Paços do Concelho, parando em frente ao altar.



Pelas onze horas, haverá Missa Campal, celebrada pelo Ex.mo Rev.mo Senhor D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar de Braga, que fará uma alocução.

O senhor Presidente da Câmara fará a renovação da Consagração do Concelho ao Coração Imaculado de Maria e a Consagração ao Sagrado Coração de Jesus.

A Missa será dialogada pela multidão dos assistentes.

Os cânticos são os vulgares, dirigidos aos alfalantes. Na Missa Campal não será distribuída a Sagrada Comunhão. Nossa Senhora ficará no seu altar, no Campo da Feira, a receber as homenagens dos vilaverdenses.

FESTAS DOS BOMBEIROS

As catorze horas, recepção das Corporações dos Bombeiros Voluntários do Distrito de Braga, recepção no quartel de Vila Verde.

As quinze horas, formação dos Bombeiros em parada, em frente ao altar de N.ª Senhora, revista pelo senhor Inspector da Zona Norte. Depois será feita pelo Senhor Bispo a Bênção do novo pronto-socorro, material e do quartel em construção.

Depois haverá o toque de clarins em sentido em homenagem a Nossa Senhora e o adeus a N.ª Senhora.

As Viaturas advem o Cortejo, atrás do qual vai a camionete com N.ª Senhora, seguindo-se um cortejo de automóveis das Entidades Officiais e de todos os vilaverdenses que possam tomar parte.

O Cortejo segue até Enfiás, Braga, aí entrega N.ª Senhora, depois segue para a frente da Sé de Braga, onde os Bombeiros formam, para a recepção a Nossa Senhora.

Todas as casas da Sede do Concelho estarão embandeiradas e iluminadas desde o dia onze de Outubro à noite, pelo menos até à meia noite.

Vilaverdenses esperamos o vosso entusiasmo nesta prova de devoção a Nossa Senhora.



MAQUINAS PARA ADEGA
APARELHOS PARA ANÁLISES
PRODUTOS PARA VINHOS
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipelmair, L.

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 — 1.º — PORTO
Telef. 28093 Teleg. Guipelmair

GIGANTONES

E CABEÇUDOS

Todos nós sabemos que os «GIGANTONES» e os «CABEÇUDOS» não são mais do que arremedos do homem.

Figuras típicas dos nossos festejos e arraiais, dos de maior projecção aos mais modestos, eles surgem sempre para gáudio e alegria dos miudos e, até, dos graúdos. Construídos por uma «teia» de arame, no corpo, e de massa ou papelão, na cabeça e cara, é vê-los por aí com as mais avantajadas formas e as mais grotescas mascarções, conforme a imaginação inventiva dos seus construtores. Quase sempre, porém, eles aparecem-nos representativos de «PESSOAS de BOM TOM». E para se tornarem notórios e mais dar nas vistas, apresentam-se volumosos no seu todo — de cara «ancha», como diriam *nuestros hermanos*, peito ginástico e ventre obeso. É este o verdadeiro «tipo» dos «GIGANTONES», pelo menos entre nós. E eles lá vão, macaqueando e em passo dançarino, deambulando por ruas e logarejos, acompanhados dos seus sequazes, os «CABEÇUDOS» — como eles feitos da mesma massa bruta — e ao som do estrondoso acompanhamento musical dos «Zés Pereiras». Pois bem: Em uma festa com arraial, a que assisti, estando a conversar com um amigo sobre assunto sério e, talvez, transcendente, eis que, de repente, ouvimos a gritaria da petizada: Eles ali vêm!... Eles ali vêm!...

E, na verdade, de uma esquina da rua em que nos encontrávamos, surgem os «GIGANTONES». Um, na conhecida figura do tal homem de Bom Tom, enfiado em uma casaca — não sei se de corte de alguma alfaiataria de nomeada do Porto ou Lisboa —, outro, figurando uma senhora, também das da alta roda, com vestido e chapéu, talvez modelos, de cá ou de Paris, também não sei, e ambos acompanhados pelos respectivos «CABEÇUDOS», como não podia deixar de ser, para lhes dar maior realce, por serem pigmeus. A petizada delirava e, batendo palmas e assobiando, dava largas ao seu contentamento e alegria, tornando o cortejo mais notório e ruidoso. Perante o harmonioso musical dos «Zés Pereiras», tivemos de interromper por largo tempo a nossa conversa e, como não podia deixar de ser, também estivemos a observar esse bizarro espectáculo. É que, aqui para nós, no seu ridículo de figuras caricatas, os «GIGANTONES» não deixam de causar riso a quem quer que os veja, e nós... também nos rimos, então.

Afastados, que foram, para longe do local onde estávamos, verifiquei que o meu amigo permanecia silencioso. Decorridos breves momentos, como ele continuasse com o que absorto, usei continuar com a nossa conversa interrompida. Mas ele, como que desperto de um sonho, pediu licença e disse-me: «Você já reparou, doutor Lucíolo, que os «GIGANTONES» são a caricatura exacta de certas criaturas que polulam no nosso meio, e creio que em todos os meios?» «Que há criaturas que podem ter, e algumas têm, figura avantajada, plástica de homem do Circo Romano, que vestem com elegância e que parecem Alguém, mas que, na verdade, não passam de autênticos «GIGANTONES» porque, como eles, «SAO OCOS», isto é, que de homens só têm a figura, mais nada?»

«Já reparou que há nulos que, como os «Gigantones», procuram suprir as vísceras nobres, geradoras e sede da inteligência, do bom senso e das demais qualidades do espírito, que eles não têm, pelo volume do corpo, adornos e ademanos?» «E que para se tornarem pessoas importantes, na falta daquelas vísceras que nobilitam e elevam o homem, dispendem dinheiro e benesses a quem os queira incensar com elogios que os façam parecer o que, na verdade não o são?» «Como tudo isto é triste, doutor Lucíolo, como tudo isto é triste!»

Com esta observação do meu querido amigo — espírito vivo, observador e crítico, servido por uma inteligência e cultura nada vulgares; sarcástico, incisivo, por vezes mordaz, mas, no seu fundo íntimo, sempre justo e bondoso —, nos despedimos por já ser horas da minha camioneta. Confesso que, nesse momento, não liguei muito à VERDADE contida naquela observação. Porém, agora, como estou no «desemprego», forçado pela minha teimosia a fonia, tenho tempo para pensar, ler, escrever, seguir mais de perto os trabalhos agrícolas da casa e, também, para recordar passos da vida passada, conversas e facécias de tertúlias de amigos, que os tenho, graças a Deus. E porque neste momento ouço o sino da minha Igreja a tocar festivamente, veio-me à mente aquela observação do meu amigo, e nela tenho estado a meditar. Muita razão tinha aquele meu amigo! Oh! se tinha! E fosse ela pouca!... Na verdade: É frequente, infelizmente, depararmos com criaturas que são a imagem perfeita dos «GIGANTONES», pois, como eles, são, de facto «OCOS», «VASIOS», «NULOS», ou, então, perderam a noção das responsabilidades, do bom senso e do ridículo.

Há, de facto, criaturas que mais não são do que *vaidade balofa*, como que cultores de uma exibição inferior, que os caracteriza quando, como supremo argumento seu, empregam e esgrimem a arma da força bruta da animalidade contra as sublimes virtudes do espírito, do direito e da razão. Há outros que, autênticos charlatães ou aventureiros, pavoneiam ostentações patológicas, e, obstinados pela celebridade, deliram com os aplausos das galerias e com o incensar de qualificativos, por os julgarem capazes de suprir as qualidades e valor que não têm, ou que não têm no grau que o julgam possuir. Há os que, verdadeiros *invertebrados*, se rojam aos pés, enrolando-se ou rastejando quando precisam, mas que, uma vez servidos, se elevam às culminâncias de *peçoas de valor*, esquecendo-se do favor recebido. Há aqueles outros, que se apresentam como *peçoas ilustres* pelo saber, pela educação e pela elegância de trato, mas que, de tal só têm um muito ténue verniz, o qual, no dia a dia, rapidamente se desfaz, estala e cai, deixando a nu a sua inferioridade e ignorância, e a falta dos mais elementares princípios da civilidade e do cavalheirismo. Há ainda os que, por interesse material ou na esperança de obtenção de benesses ou favores de que carecem, sujeitam-se ao papel indecoroso, baixo, e degradante de *bañuladores*, incensando com louvaminhas e servís exaltações aqueles que eles próprios reconhecem como *valdosos balofos*. Há os que... Oh! se fossemos mencionar todos os espécimens dessas criaturas que se nos deparam,

Continua na 5.ª página

PREÇO ANUAL DE ASSINATURAS:	
Continente	2000
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	3500
» (via aérea)	14000
Outras nações (via marítima)	6500
» (via aérea)	14000

CANTINHO FEMININO



quintas possam e queiram. Este cantinho é nosso, é aqui que nós vamos fazer as nossas exigências e propor as nossas necessidades. E com este compromisso nós seremos mais livres pois dizemos o que sentimos e pensamos.

Como estamos na época das frutas, começamos por dar uma receita de compota. Tudo que é doce é bom, não é? Vamos então começar por doce de abóbora, muito saboroso e de fácil execução.

Doce de abóbora:
Abóbora — q. b.
Açúcar — um pouco menos que a quantidade de abóbora.
Pau de canela — q. b.
Vinho do Porto — um cálice.

Ementa:
Separa-se a abóbora descascando-a tirando-lhe o miolo e partindo-a aos cubos. Junta-se-lhe quase o mesmo peso de açúcar branco, deixa-se estar assim uma ou duas horas e levase ao lume a ferver com a panela destapada até formar ponto charope. Enquanto ferve junta-se-lhe o pau de canela e vinho do Porto. Estando pronto guarda-se em taças ou em frascos destapados.

NOTA — Esta é a forma usual da fabricação da maior parte de compota de frutas.

E para começar chega. A seguir falaremos mais e sairão outras receitas.

E. D. Ferraz

Acompanhando o ritmo crescente das novas atrações que as colunas do nosso jornal vão apresentando também as mulheres querem entrar a sua presença com esta nova seção: «O Cantinho Feminino». Aqui encontramos problemas novos, modos de ser tão próprios e tão necessários à mulher portuguesa. Tudo terá lugar nesta seção que é nossa e gozamos. Para isso conto com a colaboração e boa vontade de todas as boas donas de casa em especial. E neste sentido aqui estou eu a dar o meu concurso e a fazer um convite a todas

Nossa Senhora Colegial!

Para vós, professoras

É sempre com a alma a transbordar de alegria que falamos d'Aquela que Deus se dignou escolher para Sua Mãe e Mãe nossa.

Que dizer de tão excelsa criatura? O Evangelho nada nos conta de Nossa Senhora, sobretudo quanto à idade a que me quero referir. Há, porém uma tradição antiga de que a Virgem se educou no templo de Jerusalém, como muitas outras jovens de Israel.

A vida delas poder-se-ia comparar à das meninas que vivem no colégio. Oravam, estudavam e trabalhavam!

Logo de manhã, um coro de virgens assistia ao sacrifício matutino. Prostradas por terra, cobertas com véus brancos, tal qual as suas almas, oram pedindo ao Senhor a vinda do Messias. Com que fervor deveriam ser feitas tais orações! Sabia-se que o Salvador deveria nascer dum filha de Israel, eis porque todas elas alimentam a ideia de virem a ser mães do Senhor! Maria ali está no meio delas. Ora também. E no meio da sua oração que faz? Com o seu coração abrasado de amor pelo Altíssimo oferece a Deus a sua virgindade recusando deste modo o sonho de toda a israelita. Dá-se toda a Ele com alegria.

Aprendamos d'Ela a sermos generosos para com o Senhor, dando-nos todas a Ela ainda que essa doação custe sangue.

Trabalhavam as jovens que viviam no templo. Lá está Maria executando os seus trabalhos com perfeição e amor. Aprendamos d'Ela a sermos perfeitas na realização das nossas tarefas quotidianas, a cumprirmos bem os nossos deveres. Trabalhem com dedicação, amor. O trabalho será uma espada com que conquistaremos o Céu.

O trabalho é origem de santos, de heróis!

Estudavam! Ali está Maria estudando a Sagrada Escritura. Porque não nos dedicamos mais ao estudo quer de ordem religiosa, quer de assuntos que venham enriquecer a nossa instrução? Não esqueçamos que à medida que nos formos valorizando, quer intelectualmente, quer moralmente, saberemos iluminar melhor aquelas inteligências que nos entregaram — os nossos alunos — para que um dia possam brilhar no meio do mundo tão obscuro! Assim viviam aquelas jovens orando, trabalhando, estudando. Porque não fazemos também assim? Hoje a rapariga não se interessa em cuidar da sua educação, (refiro-me à educação integral de que todo o indivíduo deverá ser possuidor), não se importa de adquirir certos conhecimentos acerca de trabalhos domésticos, entrega-se a divertimentos que não só lhe estragam a saúde como também lhe roubam a paz e lhe arruinam a alma. Mas se há jovens que assim procedem, não lhes sigamos o exemplo! Voltemo-nos para Maria! Vejamos como se preparava também para ser esposa.

Peçamos à Nossa boa Mãe do Céu nos ajude a sermos melhores em todo o sentido da palavra. Possuidoras dum grande amor a Deus, seremos capazes de vencer todos os ventos que nos queiram deitar por terra.

Sejamos alegres, dedicadas ao lar, puras, educadas. Assim o nosso lar mais tarde será um verdadeiro ninho onde se respira uma atmosfera celestial! Tenhamos como orgulho ofertar àquele que «Deus» se dignar dar-nos por esposo um coração puro, recto, compreensível, pronto a ajudá-lo nas suas dificuldades. Se assim fizermos, um dia, a nossa alma irá repousar nos braços do Nosso Pai do Céu, e junto à nossa campã, onde se encontram os restos da nossa carne, lágrimas de profunda saudade hão-de cair dos olhos daqueles que nos invocam como anjos de luz!

R.

O ENXOVAL DO BEBÉ

O enxoval do bebé, não deve conter senão o indispensável, visto que o crescimento da criança tornará inúteis os grandes enxovais. Com uns metros de opal, rendinhas e ligeiros bordados, assim como fitinhas, podereis realizar o enxoval do vosso filhinho, sem grande dificuldade ou despesa. As malhas são, como todos sabem, indispensáveis no vestuário do recém-nascido e assim executareis também casaquinhos, sapatinhos e xalles, em lá fina, macia e vaporosa para o enxoval do vosso bebé.

QUANDO...

Quando o seu marido dorme, a leitora, acordada, em vez de bater com as portas, abrir e fechar gavetas, sem cuidado, dar ordens em voz alta e ralhar com os filhos, faz o possível por manter o silêncio em toda a casa?

Quando ele lhe conta que lhe saiu mal o que planeava, evita dizer-lhe com sarcasmo: «eu logo vil!»?

Quando o seu marido lhe faz o relato dos acontecimentos insignificantes, que ele provocou ou presenciou durante o seu dia de trabalho, sabe ouvi-lo com atenção?



Escutismo Actividades

Como havíamos anunciado e com o brilhantismo que nos é próprio, mais uma vez prometeu fidelidade a Deus e à Pátria um punhado de briosos rapazes que vieram aumentar o contingente escutista.

Renovaram a sua promessa o chefe de grupo Domingos Silva e o camancheiro Leonel Magalhães Araújo.

Prometeram:
Caminheiro — João Abreu.
Exploradores — José de Oliveira Correia, Francisco.

Lobitos — Silvestre, Alfredo Lopes Ferraz, Acácio Ribeiro e Faria.

Já no sábado tivéramos a «Velada d'Armas» na igreja paroquial. Aqui tivemos também, no domingo, 11, a missa escutista celebrada pelo nosso ex-assistente adjunto, finda a qual se realizou a promessa como acima ficou dito.

De tarde, pelas 16 h. brindámos as nossas madrinhas com uma festa escutista de que destacamos a cena do «Fogo de Conselho» e a comédia com agrado representada «Aventuras de dois corcundas».

No fim, juntos compartilhámos dum delicioso chá belamente servido e melhor apreciado.

Assim terminou este dia que nos pareceu tão penqueno.

Alívio — Como prometemos marcámos brilhantemente a nossa presença no Alívio. Foi todo o agrupamento. Acampámos, no sábado, numa das bouças do sr. Valente. No domingo, depois de dada a ordem de serviço, descemos ao Cruzeiro de Soutelo onde nos incorporámos na imponente peregrinação do sul e poente do concelho.

Uma vez chegados ao Santuário, todos os chefes, camancheiros, exploradores e até mesmo os lobitos tiveram uma óptima ocasião de por em prática os co-

(Continua na 5.ª pág.)

Família de Nunálvares em Vila Verde?

Correia de Azevedo, na pg. 17 da sua «Monografia do Concelho de Vila Verde» diz o seguinte:

«Almeida, no seu dicionário corográfico, e P.e António Carvalho, na Corografia Portuguesa, dizem que, na Igreja de Vila Verde, portanto aí por 1712, há sepulturas magníficas com muitos labores, e grandes letreiros, uma junto do arco em letra gótica diz: «Aqui estão os muito Loureados D. Izabel de Barros, mulher de Fernão Aires de Sousa e sua filha Leonor de Alvim».

Se é duvidoso quanto à sepultura de D. Leonor Alvim, a esposa de D. Nuno Álvares Pereira, o que é certo é lá ter sido sepultada a sogra de D. Nuno e seus familiares».

Até aqui Correia de Azevedo. Do que diz concluímos: os sogros de D. Nuno, Fernão Aires de Sousa e D. Isabel



de Barros, foram sepultados na Igreja de Vila Verde.

Contudo, Ilídio Eurico Gomes Ramos, num artigo «A Casa do Condestável em Barcelos. Notas Biográficas, Históricas e Genealógicas» que publicou no semanário «O Barcelense», não sei em que número, porque apenas fiz um recorte, que possuo, afirma de Nunálvares:

«Com 17 anos de idade, por determinação da família casou no ano de 1377 na Igreja de Vila Nova da Rainha com D. Leonor de Alvim, filha de João Pires de Alvim, e de sua esposa D. Branca Pires Coelho, Senhores do Solar de Alvim em Entre-Homem e Cávado (hoje Vila Verde),

(Continua na 2.ª pág.)

O MENINO

Olha o menino no berço,
Num bercinho de embalar...
Porque choras, meu menino?
Quem te ensinou a chorar?

E o menino chora sempre,
Talvez só por ter nascido.
Andam anjos ao redor
Num silêncio comovido.

E diz a mãe a sorrir:
— Cale-se já, meu chorão!
E o menino chora sempre,
Que o menino tem razão!

Que o menino tem razão!
Em lágrimas debulhado,
Porque entre chorar e rir,
Chorar é mais acertado.

E se a mãe pensa nas voltas,
Que a roda costuma dar,
Beija o seu lindo menino,
Põe-se também a chorar...

Francisco Sérgio

SAIBA QUE...

Saiba que uma expressão afável e risonha lhe fica muito melhor que, esse ar de mau humor, a que se vai habituando...

Saiba que nas gerações antecedentes eram mais importantes as qualidades de uma rapariga do que as suas medidas...

INTERNATO
SEMI-INTERNATO
EXTERNATO

COLÉGIO DE S. JOSÉ

PARA EDUCAÇÃO DE RAPAZES

VILA DO CONDE—Telefone 466

DIRECÇÃO: DRS. CASAL PELAYO

ENSINO PRIMÁRIO
ADMISSÃO AO LICEU
C. GERAL DOS LICEUS